

BONS VERDES

REGIÃO DEMARCADA DOS VINHOS VERDES | DESDE 1908



VITICULTURA

O desafio da falta de mão de obra

P. 2 e 3

ENOLOGIA

Novas regras de rotulagem para os vinhos

P. 5

ENOTURISMO

Luís Pedro Martins: "O vinho atrai turistas que deixam mais à economia local"

P. 8 e 9

ECONOMIA E MERCADOS

Exportações a crescer no primeiro semestre

P. 10

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Combater pragas e doenças com o apoio da investigação

P. 12

CVRV COMISSÃO DE VITICULTURA
DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SEMESTRAL | ISSN: 2183-5411
DIRECTORA Sofia Figueiras

02



Editorial



A vindima...
ou um curso geral
de Gestão

A vindima está aí e a Região tem um caderno de encargos exigente para gerir: as alterações climáticas reclamam uma atenção redobrada a fenómenos de escaldão e a uma eventual antecipação dos trabalhos, mas a escassez de mão-de-obra obriga a um planeamento exímio para recrutar equipas ou investimento adicional em mecanização.

Produzir uma garrafa de vinho implica um trabalho de dezenas de mãos cuja disponibilidade diminui a cada ano, enquanto surgem novas regras e procedimentos que aumentam a necessidade de planeamento, investimento e gestão. Bruxelas estabeleceu novas regras para a indicação nutricional e a listagem dos ingredientes nos rótulos dos vinhos, aplicáveis a partir de 8 de dezembro de 2023. O prazo de implementação foi alargado por mais um ano, o que permite uma adaptação mais suave e progressiva, mas é fundamental que a transição comece já. O consumidor quer mais informação e o produtor terá de a dar. Mas estará o cliente mais informado?

Está. No enoturismo, a Região tem recebido cada vez mais visitantes nórdicos, um mercado com grande potencial de crescimento, poder de compra e apetência natural para decisões sustentáveis. São consumidores mais exigentes, que adquirem produtos e experiências que assegurem responsabilidade ambiental e que encontram nos Vinhos Verdes a orientação para uma sociedade cada vez mais “verde”.

Além disso, a Região está a crescer na sua afirmação de valor nos mercados externos, apesar da retração económica que atualmente afecta a Europa. Não nos faltam boas notícias quando se avizinha uma vindima de excelente qualidade num ano já marcado por um ótimo desempenho nas vendas. O que nos falta? Aumentar a capacidade de captação das novas gerações para a Região, mostrando que a cada vindima se faz um curso geral de gestão que se pode saborear no resto do ano.

Sofia Galeão Figueiras

VITICULTURA

Impacto
no futuro da
viticultura pelo
abadono rural
dos mais jovens

O desafio é grande e as respostas têm de ser múltiplas, passando por investimentos em formação e inovação tecnológica, mas também pela adoção de práticas sustentáveis que atraiam jovens e aumentem a eficiência e produtividade no setor

ALEXANDER CORNEJO *

É cada vez mais evidente, no panorama nacional, o êxodo das gerações mais novas das zonas rurais para as áreas urbanas, em busca de melhores condições de vida, oportunidades profissionais e acesso a serviços. Esta realidade tem um impacto significativo no setor agrícola, em particular na viticultura, que enfrenta escassez de mão de obra e uma crescente necessidade de adaptação. É tempo de vindima que a dificuldade em encontrar trabalhadores qualificados mais se faz sentir.

Apesar de ter vindo a perder peso nas últimas décadas – os dados do Instituto Nacional de Estatística mostram que, em 2021, contribuiu com 1,7% para a

riqueza nacional, contra os 2,4% de 2000 e os 8,8% de 1980 –, a agricultura continua a ser um setor importante para a economia nacional e vital para a fixação das populações no interior. Diz o Banco de Portugal que, em 2021, o setor agrícola contava com 39.732 empresas, responsáveis por 282.865 trabalhadores e um volume de negócios total de quase 55,7 mil milhões de euros.

A escassez de mão-de-obra na agricultura portuguesa, especialmente no setor vitivinícola, pode ser um obstáculo para a competitividade do país, na medida em que pode desencorajar investidores a apostarem no setor, devido à falta de trabalhadores disponíveis e à incerteza que isso pode gerar. Além disso, a falta de mão-de-obra pode dificultar a criação de novas empresas e o crescimento das existentes, afe-

tando assim o desenvolvimento económico do país.

De facto, pode impactar diretamente a produtividade e eficiência no setor vitivinícola, uma vez que este depende de profissionais em todas as etapas da cadeia de valor para o desenvolvimento dos diversos processos e procedimentos. Caso não haja trabalhadores disponíveis para executar tarefas específicas, como a vindima e a poda, as adegas poderão ser obrigadas a diminuir a sua produção ou enfrentar custos de mão de obra mais elevados. Essa situação pode afetar negativamente a competitividade dos vinhos portugueses no mercado internacional.

A inovação apresenta-se como uma solução para esta escassez de mão de obra. Por exemplo, a transição e/ou transformação digital através da automação e a robótica podem ser utilizadas para

tarefas como a vindima e a poda de vinhas, o que poderia reduzir a dependência do setor em relação ao trabalho humano. O investimento em tecnologias inovadoras pode também aumentar a eficiência e produtividade na viticultura, o que pode tornar o setor mais competitivo no mercado global.

A aprendizagem de ferramentas digitais tais como TI, sensores e deteção remota pode ser uma grande vantagem para atrair a geração mais jovem para o setor do vinho, uma vez que muitas destas novas tecnologias e/ou ferramentas digitais podem ajudar a melhorar a eficiência e produtividade da viticultura uma vez que permitem automatizar tarefas, tornando o trabalho muitas vezes mais produtivo, mais interessante, e menos extenuante.

Alguns exemplos de como as ferramentas digitais po-

dem potenciar a mão de obra jovem no setor agrícola incluem: Automação de tarefas mediante a utilização de sondas, sensores e drones para detetar pragas e doenças na vinha e apoiar a gestão da rega permite tomar decisões baseadas em medidas preventivas identificadas antecipadamente; Recolha, sistematização e análise de dados, o que permite trabalhar com um vasto conjunto de informações de diferentes naturezas, incluindo dados sobre a qualidade do solo, clima, índices vegetativos e produção vitivinícola, isto possibilita tomar decisões mais precisas no que diz respeito à gestão da vinha; Aprimoramento da segurança, as ferramentas digitais como sensores também podem contribuir para aumentar a segurança no ambiente laboral.

Alem disso, adotar a mecanização como estratégia

para contornar a escassez de mão-de-obra no setor vitivinícola é uma opção viável. Através da utilização de máquinas e dispositivos modernos, pode-se otimizar a eficiência e a produtividade, diminuindo a dependência de trabalhadores. Dentre os benefícios, ressaltam-se a maior agilidade e exatidão na realização das tarefas, bem como a redução do desgaste físico dos funcionários. Contudo, a mecanização possui desvantagens, tais como o alto custo inicial para a aquisição e manutenção dos equipamentos, a exigência de capacitação e ajuste dos profissionais e, em determinados casos, a inadequação a terrenos acidentados e de difícil acesso, frequentes nas áreas vitivinícolas de Portugal.

Por outro lado, as mulheres representam uma importante fonte de trabalhadores temporários/sazonais, especialmente durante a época da vindima, e têm potencial para um crescimento significativo se lhes forem oferecidas condições flexíveis e atraentes. Isso inclui horários de trabalho adaptados às suas responsabilidades domésticas e familiares, tarefas que não exigem força física excessiva e infraestruturas sociais adequadas, como creches e escolas, para permitir que elas permaneçam no local de trabalho.

Desenvolver estratégias para melhorar o recrutamento de trabalhadores, designadamente oferecendo horários flexíveis e oportunidades de formação e lazer, além de implementar programas com várias atividades que garantam trabalho contínuo ao longo do ano são outras das iniciativas a considerar, bem como uma aposta na melhoria das condições de trabalho atuais. As estratégias baseadas na Responsabilidade Social e nas Boas Práticas Agrícolas resultam na melhoria das infraestruturas e serviços para os trabalhadores, o que aumenta a satisfação dos trabalhadores e a produtividade das empresas. Oferecer salários competitivos e benefícios vários, como assistência médica e seguros, mas também bónus de produção ou vencimentos variáveis que incentivem a

produtividade laboral pode ajudar. Os programas de incentivos governamentais devem ser aproveitados para atrair jovens ao setor e para financiar a sua formação em áreas especializadas.

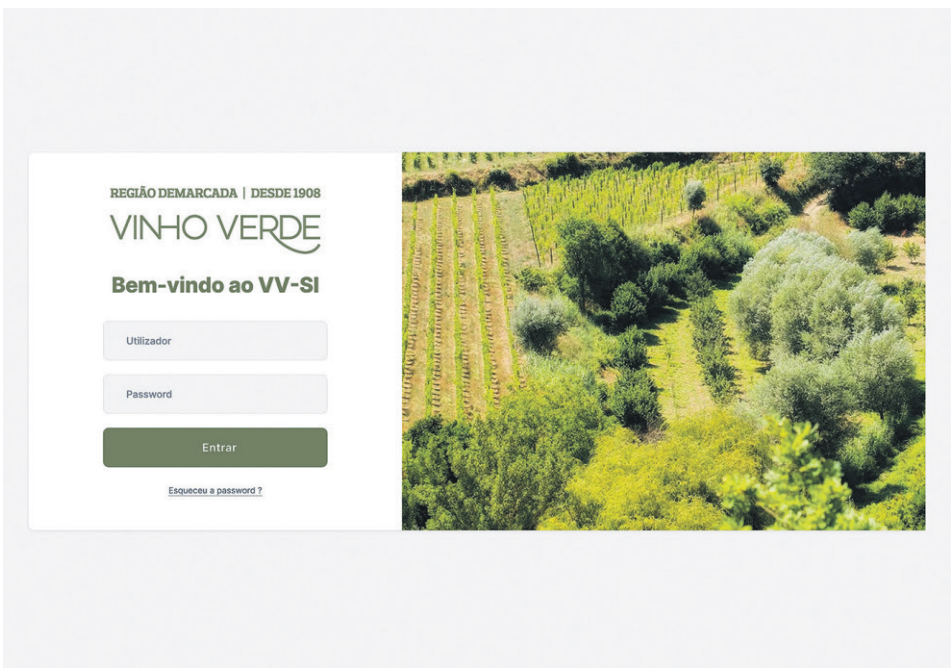
Neste contexto, as organizações governamentais e instituições privadas, como as Comissões Vitivinícolas Regionais (CVR), desempenham um papel crucial na retenção e atração de jovens talentos para a agricultura. Em colaboração com agronegócios, instituições académicas e de formação, e outros agentes importantes do setor, podem contribuir para criar um ambiente atrativo para os jovens e oferecer-lhes a oportunidade de desenvolver uma carreira gratificante no campo agrícola.

Estas instituições são convidadas a participar do debate e colaborar na criação de sinergias entre os diferentes agentes mencionados, a fim de projetar, implementar e avaliar estratégias que permitam alcançar este objetivo. Facilitar a ligação entre empregadores e empregados, promovendo a oferta de emprego e criando bases de dados acessíveis é uma das estratégias possíveis, bem como a aposta na valorização do setor, destacando a sua importância para a economia local e nacional, e defendendo políticas que beneficiem a agricultura, designadamente pelo incentivo ao investimento, à promoção de práticas agrícolas sustentáveis e à proteção dos direitos dos trabalhadores agrícolas.

A formação é essencial, sendo importante que sejam desenvolvidos programas de formação, como cursos técnicos, estágios e programas de aprendizagem, em parceria com instituições de ensino superior. Isso permitirá aos jovens adquirir e/ou desenvolver as competências necessárias e procuradas pelas empresas do setor vitivinícola. A aquisição de competências pertinentes, como a utilização da tecnologia digital na viticultura, pode atrair jovens interessados em aprender habilidades relevantes para o atual mercado laboral. ●

* Departamento de Sustentabilidade e I&D da CVRVV





CVRVV com nova plataforma para submissão da DCP

É a primeira de várias peças do novo sistema informático do Vinho Verde, que está a ser desenvolvido por módulos

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) está a desenvolver um novo sistema informático que pretende otimizar os processos internos ao mesmo tempo que irá assegurar uma interação melhorada com os agentes económicos. Este é um projeto que está a ser desenhado em diferentes módulos, que serão disponibilizados, de forma gradual, durante 2023 e 2024.

O primeiro, o relativo à submissão da Declaração de Colheita e Produção (DCP), estará já operacional para a atual vindima, assegurando ao utilizador um preenchimento mais intuitivo, rápido e automático, graças, por exemplo, ao autopreenchimento de parte das informações, com recursos a dados já na posse da CVRVV, e minimizando, assim, a possibilidade de erro. Além disso, permitirá fornecer aos

agentes económicos maior volume de informação útil para o seu negócio.

Em causa está um trabalho de fundo de reestruturação do sistema existente face às novas necessidades de atualização de programas e de reforço da segurança, fiabilidade e rapidez do sistema. Dado que envolve processos muito complexos porque dependem de contas correntes, de atribuição de selos, de análises físico-químicas e muitas outras áreas de trabalho que se interligam entre elas, esta reestruturação não era passível de ser feita de uma vez só, obrigando à construção de todo um novo sistema informático de raiz.

Garantido está que, apesar das alterações, não haverá qualquer tipo de inconveniente para os agentes económicos. Cada módulo será posto à disposição à medida que for sendo concluída a sua renovação.

Estas são alterações com efeitos no acesso da área reservada apenas para os agentes económicos e o primeiro grande passo passou por melhorar a máscara de introdução das DCP. E, para garantir que tudo corre sem dificuldades, a CVRVV vai ter várias modalidades de apoio em caso de necessidade de esclarecimentos no uso da nova plataforma.

Além do atendimento através dos Serviços de Fluxos Vínicos, haverá uma linha de apoio às DCP que irá funcionar entre 1 de outubro e 30 de novembro de 2023 através do telefone 226077306.

A partir do dia 1 de outubro haverá um tutorial sobre o preenchimento da DCP disponível na área reservada da CVRVV, na secção DCP, e para o dia 2 de outubro está prevista a realização de uma sessão de esclarecimento online sobre esta matéria.●



Novos rótulos têm de ter informação sobre ingredientes e calorias

Regras entram em vigor a 8 de dezembro, mas só se irão aplicar aos vinhos produzidos a partir desta data. CVRVV reforça equipa de rotulagem, cria linha telefónica de apoio e aposta em ações de formação

Os vinhos produzidos a partir de 8 de dezembro passam a ter de indicar, obrigatoriamente, informações nos seus rótulos sobre a declaração nutricional e a lista de ingredientes. A informação é conhecida, desde 2021, mas agora Bruxelas veio retificar a legislação existente isentando todos os vinhos produzidos antes de 8 de dezembro de 2023 das novas regras. Significa isto, na prática, que os novos rótulos se aplicarão apenas aos vinhos da campanha de 2024/25.

Em causa está a entrada em vigor do regulamento comunitário 2021/2117, publicado a 6 de dezembro de 2021, e que estabelecia que todos os produtos produzidos e rotulados antes de 8 de dezembro de 2023 podiam continuar a ser colocados no mercado até ao esgotamento das existências. A retificação publicada a 31 de julho isenta todos os vinhos produzidos antes de 8 de dezembro e não apenas os que estivessem produzidos e rotulados.

E embora esta alteração venha dar mais tempo ao setor para se adaptar a nova realidade, a CVRVV está já a trabalhar para garantir uma adaptação progressiva das empresas, de modo a que

não se deixem distrair. Além de reforçar a equipa de rotulagem, de modo a dar a necessária celeridade aos processos de submissão de novos rótulos, a comissão tem já prevista a realização de ações de formação aos operadores, quer em formato digital quer presenciais. O plano e respetiva calendarização serão conhecidos em setembro, explica Paula Minnemann, responsável pelo Departamento de Rotulagem, sublinhando que o objetivo é incentivar os operadores a não adiar o assunto e a começarem já a preparar os novos rótulos.

A CVRVV estará em condições de analisar os pedidos em conformidade com as novas regras já a partir de setembro. “A corrigem-

8/12

Os vinhos produzidos a partir de 8 de dezembro passam a ter de indicar, informações nos seus rótulos sobre a declaração nutricional e a lista de ingredientes

da que foi publicada veio dar mais tempo e permitir uma adaptação gradual, mas queremos motivar os operadores a que comecem já a ir submetendo rotulagens com as novas obrigações”, frisa esta responsável.

O que está em causa é a obrigatoriedade de indicar em rótulo físico ou digital, por QR Code, uma série de informações novas, como a declaração nutricional completa dos vinhos, ou seja, o valor energético e as quantidades de lipídios, ácidos gordos saturados, hidratos de carbono, açúcares, proteínas e sal. O valor energético deve ser expresso em kJ ou kcal e os restantes elementos em gramas, miligramas ou microgramas.

Para quem optar pelo rótulo eletrónico, as calorias do vinho terão de constar na garrafa, sendo que as restantes informações de declaração nutricional poderão ser consultadas através do QR Code. Todas as informações têm de ser facilmente visíveis, claramente legíveis e estar escritas com pelo menos 1,2 milímetros de altura, específica a legislação.

Quanto à lista de ingredientes, e sempre que esta for apresentada na embalagem ou no rótulo a ela afixado, os alergénios devem ser indicados a negrito. No caso da opção pelo formato digital, a lista de ingredientes

não pode ser apresentada juntamente com outras informações destinadas a fins comerciais ou de marketing, e não podem ser recolhidos nem rastreados dados do utilizador.

Sempre que a lista de ingredientes seja fornecida por meios eletrónicos, a indicação dos alergénios deve figurar diretamente na embalagem ou no rótulo. O rótulo eletrónico está sujeito a aprovação prévia por parte da CVRVV, devendo ser remetido para apreciação juntamente com as restantes componentes da rotulagem.

Além da adaptação da aplicação informática da rotulagem e da divulgação das normas aplicáveis e das tabelas com valores nutricionais orientadores, a CVRVV assegurou também protocolos com empresas prestadoras de serviços de análises de forma a permitir melhores preços. “É verdade que a legislação nos dá mais um ano de adaptação, mas a CVRVV já tem, da sua parte, as ferramentas necessárias para facilitar o mais possível o trabalho dos operadores. E, com as questões do valor energético a assumir uma relevância cada vez maior para os consumidores, vai haver uma grande pressão para a implementação destas regras o quanto antes”, acredita Paula Minnemann.●





Vinho Verde regressa ao formato festival de verão

Entre 8 e 10 de setembro, há provas de vinhos, gastronomia, arte e música nos jardins do Museu Nacional Soares dos Reis.

Os jardins do Museu Nacional Soares dos Reis são palco do último Festival deste verão na cidade do Porto: de 8 a 10 de setembro, o Vinho Verde - Essência Festival (Art, Wine, Food, Music) garante um fim-de-semana com expe-

riências únicas. Um ambiente sofisticado, mas descontraído, desperta as melhores harmonizações entre os vinhos de 40 produtores da Região dos Vinhos Verdes e restaurantes selecionados, para além de um programa que conta com concertos de Cravo & Canela Roda de Samba, Os Azei-

tonas e GNR.

Durante três dias, diferentes perfis de Vinhos Verdes desafiam o paladar a encontrar as melhores conjugações junto dos cinco restaurantes e de cinco food trucks que, das carnes na grelha aos sabores do mar, dos snacks salgados aos doces, oferecem uma lista de

Enófilos terão oportunidade de provar a diversidade de perfis da Região

possibilidades para todos os gostos.

E, se as provas comentadas abordam a diversidade de perfis de Vinhos Verdes – desde os espumantes aos Verdes de granito, dos Verdes de curtimenta aos Verdes com estágio em madeira, do Alvarinho ao Aveso, do Vinhão ao Loureiro, do Arinto ou Pedernã aos rosados e aos tintos trendy -, há novos lançamentos e projetos inovadores para conhecer.

Simultaneamente, o Gentlemen's Market reúne marcas icónicas, provas de vinhos orientadas por especialistas, aulas de culinária para colocar as “Mãos na Massa”, jogos e actividades para partilhar em família, actuações de DJ's, entre tantas outras opções. Num espaço marcadamente exclusivo, onde se funde a história e a arte, o programa diário inclui o Banquete, no qual Chefs e sommeliers de referência apresentam os melhores pairings e, no pal-

co principal, actuam bandas icónicas.

“Este regresso do Vinho Verde ao formato de festival responde a uma vontade expressa dos consumidores. Num local de referência da cidade do Porto, como os jardins do Museu Soares dos Reis, os visitantes têm oportunidade de experimentar diferentes perfis de vinhos e de conhecer melhor os produtores e a Região num contexto apelativo, descontraído e simultaneamente sofisticado”, refere a presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes. “Garantimos experiências exclusivas, mas também pensamos em propostas para partilhar em família e, sobretudo, reafirmamos um posicionamento de proximidade com a arte e a cultura”, acrescenta Dora Simões.

O bilhete diário tem um custo de 10 euros por pessoa e pode ser adquirido em www.essenciafestival.com ●



02 Rota dos Vinhos Verdes

Monverde, experiências ímpares numa paisagem luxuriante



Momentos memoráveis e experiências exclusivas, que transmitem a autenticidade da Região dos Vinhos Verdes, é o que propõe o Monverde, que dá corpo ao sonho da Família Meireles de expandir a descoberta da degustação ao conceito da fruição do mundo do vinho.

Situado na Quinta de Sanguihedo, Telões, Amaranthe, no meio de 30 hectares de vinha, este é o projeto de Enoturismo da Quinta da Lixa, que junta vinho, alojamento e gastronomia, a descoberta, relaxamento ou aventura. As propostas são diversas e vão das escapadinhas a dois, ao Verão romântico, sem esquecer a aventura e a arte. Há jantares com História, Cinema na Vinha e Noites de Fados.

Em todos os programas, as provas de vinho marcam presença. Mas há também jantares vinicos, tratamentos de spa, acesso à piscina interior (e às exteriores) e ao circuito

MONVERDE WINE EXPERIENCE HOTEL
Quinta de Sanguihedo 166, Castanheiro Redondo
4600-761 Telões, Amaranthe
Telf. 255 143 100
reservas@monverde.pt

de jacuzzi, entre muitas outras propostas. E pode até fazer um jantar estrelado, a dois, mesmo no meio das vinhas, com um menu vinico de quatro momentos, especialmente desenhado pela equipa do Chef Carlos Silva em sintonia com o Enólogo Carlos Teixeira.

Ou pode simplesmente ir conhecer os vinhos e a propriedade e deixar a estadia para outra oportunidade. Para quem está em família e não quer deixar de fora as crianças, saiba que há experiências para todos. Enquanto os pais desfrutam de uma prova de três vinhos, os mais novos contactam com a cultura do vinho de uma forma interativa, provando sumos com os aromas dos vinhos apresentados. E que tal ser enólogo por um dia, criando o seu próprio vinho?

Com preços variados, que abarcam o leque alargado de opções, com e sem alojamento, os programas são sempre sujeitos a marcação prévia.

Quinta de Lourosa, um refúgio familiar a meia hora do Porto



A 40 quilómetros do Porto, mas servida por excelentes acessos, a Quinta de Lourosa assume-se como um destino para férias em família, um refúgio para um fim-de-semana a dois ou uma estância para retiros profissionais. Oferece visitas guiadas às vinhas e adega, provas de vinhos e pacotes turísticos onde estão presentes a gastronomia tradicional e a cozinha criativa, o artesanato e lugares de relevo histórico e cultural.

A casa rústica, totalmente recuperada, conta com seis quartos, todos com nomes de castas, e um apartamento nas vinhas, complementados com a piscina exterior, o campo de ténis e o parque infantil.

QUINTA DE LOUROSA
Estrada Santa Maria de Sousa, 1913
4620-469 Sousa - Lousada
Telf. 255 815 312
info@quintadelourosa.com

Esta é uma propriedade que está na família há mais de século e meio e que hoje é gerido por Rogério de Castro e a sua filha, Joana, que é a enóloga da empresa. Rogério é o único português professor catedrático em Viticultura e a visita às vinhas, quase 30 hectares no total, permite conhecer o sistema de condução em Lys, que criou.

Das várias experiências disponíveis, destaque para a visita guiada de meio dia a São Pedro de Ferreira, com prova de vinhos, lanche regional e visita ao centro histórico de Penafiel ou, de um dia, ao Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro e à tridentária Fábrica do Pão-de-Ló de Margaride, com a devida degustação.

Luís Pedro Martins

“O vinho atrai turistas com maior poder de compra e que deixam mais à economia local”

Confiante no sucesso da nova Rota dos Vinhos e do Enoturismo do Porto e Norte de Portugal, que permite, numa única viagem, experimentar quatro regiões vinícas diferentes e cinco denominações de origem, o presidente do Turismo Porto e Norte de Portugal destaca o contributo da atividade turística para os territórios do interior. **ILÍDIA PINTO**

O Turismo tem vindo a ganhar importância crescente a Norte, em que medida é que isso se deve também ao Enoturismo?

Uma parte deve-se, de facto, ao conhecimento internacional que há já sobre os nossos vinhos, mas também à qualidade das nossas infraestruturas associadas ao Enoturismo. Hoje, conseguimos ter uma oferta de grande qualidade, seja no alojamento ou nas experiências que proporcionam, mas também noutros produtos complementares que oferecem, designadamente pelo facto de estarmos numa região com muito património cultural, e com paisagens esmagadoras. Temos tudo para podermos ambicionar ser um destino de excelência a este nível.

Há números sobre quantos visitantes procuram essa vertente?

Conseguimos ter números para as dormidas, taxa de ocupação e proveitos da hotelaria, não conseguimos ainda fazer essa divisão de

quem vem para o Enoturismo, para o Termalismo ou para o Turismo de Natureza. Sabemos sim, que os locais que recebem enoturistas têm estado com taxas de ocupação fantásticas.

O produto ajuda a descentralizar as visitas dos turistas na região?

Essa é uma das suas grandes vantagens. Tínhamos, em 2019, um problema de elevada concentração de turistas na Área Metropolitana do Porto – 75% dos que entravam na região ficavam por aqui – e o Enoturismo acabou por ser uma âncora para conseguirmos levar os turistas para outros territórios. Assim como poderá ser, espero, num futuro próximo, o Termalismo, a Estrada 122, a Estrada 103, como já é hoje a Estrada Nacional 2 ou a Rota do Românico. Por isso é que criámos, com as CVR dos Vinhos Verdes, de Trás-os-Montes, de Távora-Varosa e o IVDP, a Rota dos Vinhos e do Turismo do Porto e Norte de Portugal, com um regulamento co-

mum e uma mesma imagem para todos. Toda a parte administrativa está feita. O que falta agora é dinheiro para promoção disto no país e no mundo.

Dois anos depois dessa junção das rotas, que balanço se pode fazer?

Temos já uma série de aderentes que já foram auditados, estamos a começar a entregar as primeiras placas aos membros. Mas tudo isto tem que ter visibilidade internacional e nós temos expectativas grandes quanto ao próximo Quadro Comunitário de Apoio

Quais são os mercados prioritários?

Essencialmente, os de longa distância, como os EUA e Canadá, mas também o Brasil, porque são aqueles que nos dão uma garantia de poderem permanecer no terri-

“Acredito muito nesta ideia de uma reota regional e temos expectativas grandes quanto ao próximo Quadro Comunitário de Apoio

tório por mais tempo e, por essa via, poderem percorrer mais território das rotas. Depois, porque são mercados com maior poder de compra e que gostam bastante do tema do vinho e de toda a cultura associada. E porque vêm muito em contraciclo daquilo que é o nosso verão. Nos mercados de proximidade, a França e a Alemanha.

E quais são as necessidades em termos de promoção internacional?

Queremos participar nas principais feiras internacionais desta área, a começar pela FINE, em Valladolid, e temos a ambição de começar a acompanhar também aquelas que são as principais feiras de vinhos. Mas iremos também fazer eventos nas nossas Embaixadas, tirando partido do apoio crescente dos nossos diplomatas. Fizemos um, o ano passado, em parceria com a Condé Nast, em Londres, e que teve um sucesso incrível. Tal como este ano estivemos ligados à Wine Travel Week, que trouxe mui-



“Ao contrário de outros setores, que olham para o interior como uma fatalidade, o turismo vê-o como uma oportunidade

tos players do setor ao Porto. O investimento direto, este ano, é de 100 mil euros, mas a rota integra os dois milhões de euros do plano de promoção do Porto e Norte de Portugal.

Que vantagens traz esta nova rota para o turista?

Permite que ele circule por quatro regiões vinícas, o que nos dá a oportunidade de mostrar tudo o que temos no território. Quem vai à procura dos vinhos do Douro e do Porto de certeza que se vai deslumbrar com a paisagem e vai querer percorrer um pouco mais do território, entrar nos nossos museus e na nossa restauração, mas depois, se for para o Minho, percebe que ali perto está Guimarães, onde nasceu Portugal e onde tem um Património Mundial da Humanidade. Se for a Trás-os-Montes, à procura dos vinhos transmontanos, que estão cada vez melhores, também tem muito para visitar, fortalezas e castelos. A rota pode ajudar a fazer a ligação a outros produtos que temos na região, à gastronomia, mas também ao património. E não nos esqueçamos que o Enoturismo é um produto associado a um turista com maior poder de compra, o que é a garantia de turistas que deixam mais à economia local, permitindo maior coesão social, nomeadamente em territórios do interior onde é cada vez mais difícil ter negócios. Os negócios ligados ao turismo são os que mais estão a crescer no interior. Ao contrário de outros setores, que olham para o interior como uma fatalidade, o turismo vê-o como uma oportunidade e tem dado provas disso. Tem criado emprego, tem fixado jovens e talento. Para que isso continue a acontecer, são importantes estes turistas associados a estes produtos de maior rendimento.

E para os operadores, quais são as maiores vantagens?

Para os que têm alojamento e restauração, é ter maior garantia de ter turistas durante todo o ano, de mercados de alto rendimento. Para os que trabalham na animação turística, é ter aqui um produto excelente que podem associar a ou-

tros, uma visita de barco, umas provas de gastronomia, uma visita a uma adega ou a uma quinta, umas provas de vinhos numa outra. É estarmos aqui a ajudar a aumentar o seu portefólio para atrair novos consumidores.

A oferta hoteleira no interior não é escassa?

No Douro e no Minho não, felizmente acho que estamos equilibrados em relação à procura, em Trás-os-Montes terá que crescer um pouco mais, não só no número de dormidas, mas também na qualidade. Mas temos tido muito boas notícias. Visitei recentemente as obras de um futuro hotel no concelho de Bragança, que irá ter 80 quartos, com um SPA, de um grupo hoteleiro nacional que sabe bem o que faz. E hoje já conseguimos encontrar unidades de grande qualidade associados ao Enoturismo em Valpaços, no Vale da Vilariça, em Alfândega da Fé ou no 4 estrelas de Freixo de Espada à Cinta que teve uma excelente ocupação ao longo do ano passado. Há 10 anos era impossível ter hotéis nestes locais.

E qual é a importância da Região dos Vinhos Verdes para esta rota?

É muita. Os Vinhos Verdes têm tido um grande crescimento, não me refiro só a vendas, mas também na sua notoriedade. Quando andamos pelo mundo a promover a Região somos muitas vezes interpelados pelos turistas e percebemos que já conhecem os Vinhos Verdes. E dizem-no com um sotaque muito divertido. E conhecem as castas. O Alvarinho, claro, o Loureiro, mas não só. Encontrei turistas da África do Sul a falarem em Vinhão.

Como é que a CVRVV contribui para alavancar o destino?

Está, desde o primeiro minuto, na Rota dos Vinhos e do Enoturismo do Porto e Norte de Portugal e tem sido um excelente parceiro nesta aventura, com uma equipa muitíssimo dinâmica que nos obriga, por vezes, a acelerar os motores para conseguirmos acompanhar o ritmo. ●

Verdes com maior crescimento absoluto das exportações no primeiro semestre

Região vendeu ao exterior vinhos no valor de 47,2 milhões de euros, quase cinco milhões a mais do que no período homólogo



USA

Alargar a presença do Vinho Verde a novos estados é uma das apostas para tirar partido do potencial de crescimento do mercado

ILÍDIA PINTO*

Nos primeiros seis meses do ano, os operadores de Vinho Verde destinaram aos mercados externos quase 18 milhões de litros no valor de 47,2 milhões de euros, o que representa um acréscimo de 7,4% e 11,2%, respetivamente. Em termos absolutos, as exportações cresceram quase cinco milhões de euros face ao período homólogo, o maior aumento absoluto em termos de regiões vitivinícolas nacionais. “Vamos ver como acaba o ano, mas, para já, os indicadores são muito positivos”, destaca a presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Um otimismo moderado, que não esconde algumas preocupações. “A situação está difícil e há a sensação que os mercados estão estagnados, em especial na Europa, onde a Alemanha, um destino muito importante para os Vinhos Verdes, até decresceu”, refere Dora Simões, apontando a quebra de quase 20% em volume e de 12,3% em valor nas vendas para este que é o segundo maior destino das exportações da Região. No total, nos primeiros seis meses do ano, Portugal exportou 2,2 milhões de litros de Vinho Verde para a Alemanha, no valor de pouco mais de cinco milhões de euros.

Em contrapartida, os Estados Unidos da América, o principal comprador de Vinho Verde no mundo, cresce 1,6% em volume e 7,7%

2,2M

No total, nos primeiros seis meses do ano, Portugal exportou 2,2 milhões de litros de Vinho Verde para a Alemanha, no valor de pouco mais de cinco milhões de euros.

Em contrapartida, os Estados Unidos da América, o principal comprador de Vinho Verde no mundo, cresce 1,6% em volume e 7,7% em valor, correspondente a quase 3,7 milhões de litros no valor de 10,9 milhões de euros.



em valor, correspondente a quase 3,7 milhões de litros no valor de 10,9 milhões de euros. Um mercado onde se assiste a “uma crescente abertura às categorias de vinhos brancos e de Vinhos Verdes de tipologias e perfis diferentes”. Aqui, o objetivo passa por trabalhar a expansão do produto fora dos mercados mais tradicionais, como Nova Iorque, Califórnia ou Chicago, dando a conhecer o Vinho Verde noutros mercados de enorme potencial.

Também o Brasil revela algum dinamismo: embora em volume, as exportações de Vinho Verde se mantêm em linha com o ano anterior, em valor estão a crescer quase 8,5%, correspondentes a vendas totais de 1,3 milhões de litros no valor de 3,2 milhões de euros. Este é um mercado em que os Verdes têm vindo a apostar muito, em termos de promoção e marketing, na expectativa de que ganhe maior relevância no futuro.

“O Vinho Verde, sendo muito conhecido, não tem ainda as vendas correspondentes, mas há aqui um potencial muito grande de aumento, tirando partido da facilidade da língua, mas também da existência de líderes de opinião muito informados sobre as regiões e o tipo de vinho que está a ser valorizado em Portugal”, diz Dora Simões. Esta responsável reconhece que há questões difíceis, no Brasil, em termos de impostos, matérias alfandegárias e pagamentos que “são muito voláteis e tornam difícil gerir o negócio”, no entanto, “dado o percur-

so do país e a sofisticação que vai tendo em determinadas áreas, há que insistir, não só no vinho mas, também, no enoturismo, como forma de fidelização às marcas”.

Destaque, ainda, para o Reino Unido, um mercado pequeno para os Vinhos Verdes, mas para o qual a Região tem vindo a olhar com maior atenção, reforçando as ações de promoção e marketing. Nos primeiros seis meses do ano, as exportações para o mercado britânico cresceram quase 14% em volume e 25% em valor, para 1 milhão de litros e 3 milhões de euros. “Estrategicamente, este é um mercado que não devemos esquecer que o Reino Unido tem uma posição de influência mundial sobre o mundo dos vinhos, pela forma como emite informação sobre o vinho e pelos líderes de opinião que tem. É um mercado com uma carga fiscal elevada, também, mas com muitas possibilidades nas categorias superiores”, acredita a presidente da CVRVV.

Quanto às perspetivas para o próximo semestre, Dora Simões socorre-se das vendas de selos de garantia que, até ao final de junho, estavam a crescer 12% face ao período homólogo, nos brancos e 20% nos rosados, um indicador importante, diz. A questão da sazonalidade no consumo de Vinho Verde parece estar a diminuir à medida que o consumidor vai privilegiando os vinhos brancos e a própria Região se vai diversificado e apostando crescentemente em vinhos de guarda. ●

Esperada produção de grande qualidade na vindima de 2023

Sendo ainda cedo para confirmar a produção da colheita, espera-se um volume idêntico ou ligeiramente superior a 2022



A pesar de ainda ser cedo para definir o volume desta campanha, a análise aos dados da evolução da produção na Região aponta para um ligeiro aumento, sustentado, em parte, pela entrada em produção de vinhas novas, a maior parte delas da casta Loureiro.

A situação não é, no entanto, homogênea. Na altura em que a avaliação foi feita, ainda em julho, os casos de mildio e de podridão negra constituíam as principais causas de perdas da produção, em alguns locais e castas da Região. Também alguns casos de escaldão preocupam, pela potencial

influência na produção final, embora sem efeitos na qualidade da uva.

O arranque da vindima das castas mais precoces, a meio de agosto, permite antecipar uma produção de grande qualidade, com as uvas a apresentarem-se sãs e com teor de álcool e acidez equilibrados.

Será, assim, uma produção idêntica ou muito ligeiramente superior à da última campanha, na qual a Região produziu 1,004 milhões de hectolitros. Estes dados resultam de estimativas que tiveram por base informação proveniente de várias fontes, designadamente dos técnicos da CVRVV no campo,

da EVAG, de respostas diretas ao inquérito lançado pela Comissão e da consulta direta a vários agentes económicos dos Vinhos Verdes. Recorde-se que a média das últimas cinco campanhas foi de 864 mil hectolitros.

A nível nacional, o Instituto da Vinha e do Vinho aponta para um acréscimo total da produção em 8%, relativamente à campanha anterior, para um total estimado de 7,4 milhões de hectolitros.

O aumento é transversal a todas as regiões vitivinícolas do continente – com exceção do Dão, onde não é prevista qualquer variação -, com especial desta-

que para o Douro, com “o maior acréscimo de volume” (+ 146 mil hectolitros), e a região dos Açores “com a maior subida percentual (+ 165%)”. Na Madeira, a previsão aponta para “um ligeiro decréscimo (-1%) face à campanha anterior”.

“Apesar de se terem registado focos de mildio e de oídio nalgumas regiões, fruto das condições meteorológicas observadas na campanha ao longo do ciclo vegetativo da videira, no geral, as uvas apresentaram-se em bom estado, antevendo uma produção de boa qualidade”, pode ler-se na previsão de colheita do IVV. ●

Estaduto editorial “Bons Verdes” é um jornal semestral de informação técnica que pretende, através de texto e imagem, disseminar conteúdos sobre viticultura, enologia, sustentabilidade e boas práticas sectoriais. “Bons Verdes” é um jornal ao serviço do viticultor e do produtor, com o objetivo de divulgar novas tecnologias na área da cultura da vinha e do vinho, capazes de contribuir para uma viticultura e produção rentáveis e cada vez mais sustentáveis. “Bons Verdes” distingue claramente os artigos de opinião dos artigos informativos, sem prejuízo de poder assumir as suas próprias posições, sempre no respeito da legislação em vigor. “Bons Verdes” tem um âmbito regional e quer contribuir para a divulgação de eventos, artigos práticos e/ou científicos, quando assim se adequar, sobre todas as novidades que à viticultura, enologia e sustentabilidade dizem respeito. “Bons Verdes” é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, ideológica e económica. “Bons Verdes” assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores, de acordo com o artigo 1.º da Lei de Imprensa.

Ficha técnica: Directora: Sofia Galeão Figueiras | Jornalista: Ildia Pinto | Proprietária / Editora: Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes | NIF: 501.873.635 | Sede: Rua da Restauração, 318, 4050-501 Porto | Telefone: 226 077 300 | E-mail: info@vinhoverde.pt

Produção: Jornal de Notícias | Rua de Gonçalo Cristóvão, 195-219, 4049-011, Porto. Tel. 222096100, Fax. 222096200 | Imprensa: Funchalense, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Funchal. Tel. 219677450, Fax 219677459 | Tiragem: 15.000 exemplares | Periodicidade: Semestral | ISSN Edição impressa: 2975-8874; online: 2183-7686 | Depósito Legal: nº 377222/14 | Jornal de distribuição gratuita

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



A investigação sobre práticas agroecológicas, no Instituto de Ciência e Inovação para a Bio-Sustentabilidade, na Universidade do Minho, tem permitido reconhecer o papel da biodiversidade associada à vinha como prestadora de múltiplos serviços do ecossistema. Reduzir a necessidade de intervenção humana na fertilização e prevenir o ataque de pragas e doenças é vital para responder à estratégia europeia de mitigação das alterações climáticas, almejando a neutralidade carbónica na produção.

Este é, acredita a diretora do IB-S e do Centro de Biologia Molecular e Ambiental, Cláudia Pascoal, um setor com “forte potencial” de investigação e inovação para a sustentabilidade, produtividade e fitossanidade das videiras e da vinha, bem como dos processos de produção e qualidade do vinho. “Todo o ecossistema vitivinícola dos Vinhos Verdes tem sofrido grandes transformações ao longo das últimas décadas,

Combater pragas e doenças com o apoio da investigação

O uso dos conhecimentos de ecologia aplicada aos agroecossistemas são vitais para aumentar a resiliência das vinhas



“É imperativo que se consiga documentar e prever as condições ambientais com maior precisão...”

Cláudia Pascoal

quer diretamente pelos produtores quer indiretamente pela preocupante instabilidade económica, mas sobretudo pela ação das alterações climáticas”, salienta.

A “maior incidência e severidade” de pragas e doenças, a “crescente necessidade de irrigação” das vinhas na Região e a “mais frequente ocorrência de eventos climáticos extremos” são exemplos concretos dos

desafios que se têm colocado aos produtores.

“É imperativo que se consiga documentar e prever as condições ambientais com maior precisão e a uma escala temporal e espacial apropriada, desenvolver novas técnicas de diagnóstico rápido, de prevenção e de combate a pragas e doenças, e desenhar um conjunto de práticas de gestão que permitam aumentar a resiliência das vinhas face a todas

estas pressões, fazendo uso dos conhecimentos de ecologia aplicada aos agroecossistemas”, diz, sublinhando que a investigação desenvolvida no CBMA e no IB-S “não se esgota no sistema produtivo em si, temos também vasta experiência na caracterização funcional das leveduras envolvidas nos processos de vinificação, que podem ser exploradas para melhorar a qualidade e complexidade organoléptica do vinho”.

De entre alguns projetos emblemáticos, destaque para o EcoAgriFood, que visou promover a bio-economia do setor agroalimentar. A coordenadora do projeto, Fernanda Cássio, destaca a valorização da biodiversidade e dos serviços dos ecossistemas associados à vinha, incluindo o enoturismo, enquanto a investigadora Cláudia Santos acrescenta que “um sistema de vinha mais heterogéneo, tanto ao nível da produção como ao nível da paisagem, é fundamental para a conservação e promoção da biodiversidade, mantendo a produtividade e aumentando a resistência e a resiliência do ecossistema às alterações globais”.

Destaque, ainda, para os projetos de investigação de novas fórmulas de tratamento de doenças da videira, como a podridão cinzenta, com microrganismos da própria uva, cujos resultados “abrem perspectivas excelentes” para o desenho de estratégias biológicas de controlo de doenças da vinha, minimizando o uso de fungicidas nocivos para o ambiente. O segredo, refere o coordenador do projeto, Hernâni Gerós, está na microflora (bactérias, leveduras e fungos) que habita a superfície do bago da uva.

Os estudos desenvolvidos pela equipa na Região dos Vinhos Verdes, com as castas de Loureiro e Vinhão, permitiram também isolar 17 leveduras autóctones. Mostraram que a microflora da superfície da uva depende da casta e da região, e é influenciada pela quantidade de pesticidas ou fungicidas aplicados na vinha. Os resultados foram publicados em 2022 na revista científica *OENO One - Vine and Wine*. ●